Jornalismo Cultural: uma análise sobre o campo [1]

Eliane Fátima Corti Basso[2]

Universidade Anhembi Morumbi – São Paulo e Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Resumo
Este texto busca refletir acerca do campo do Jornalismo Cultural em que os conceitos até hoje se misturam e dificultam a sua compreensão. Trata-se de uma reflexão teórica bibliográfica com o objetivo de oferecer apontamentos para a definição dos temas compreendidos dentro da editoria de cultura. A análise refere-se ao sentido *stricto* e *lato* da produção jornalística cultural, bem como as suas estratégias discursivas. A proposta, no entanto, não pretende ser uma avaliação conclusiva, até porque o campo do Jornalismo Cultural é de difícil definição.

Palavras-chave

Jornalismo Cultural; cultura; jornalismo.

Complexo na sua constituição discursiva o campo do Jornalismo Cultural, como bem diz o jornalista e pesquisador argentino Jorge Rivera (2003), não é uniforme e nem de fácil compreensão. Os conceitos sobre o mesmo ainda hoje se misturam e dificultam a sua análise por vários motivos: em primeiro lugar, porque o termo refere-se aos sentidos *lato* e *stricto* da produção jornalística e cultural; em segundo, pela confusão que se faz ao considerar apenas como Jornalismo Cultural a veiculação da cultura erudita, letrada ou simplesmente chamada de ilustrada; em terceiro, pela postura do Jornalismo Cultural, de ser considerado como um espaço público da produção intelectual, cabendo uma reflexão de que nem jornalismo é, ora sendo entendido como produção, ora como a própria criação. Poderíamos talvez listar outros motivos, mas ficaremos centrados nestes três pilares.

Partindo da palavra *cultura*, vamos encontrar para o termo um significado abrangente que invariavelmente também alcança o Jornalismo Cultural. Para o teórico Edgar Morin, a palavra cultura é considerada uma "armadilha" que em vez de parecer "firme", é "dúbia" e "traiçoeira": "Palavra mito que tem a pretensão de conter em si

[1] Trabalho apresentado ao NP Jornalismo, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.
[2] Doutora e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Especialista em Comunicação Social pela Universidade de Passo Fundo. Jornalista pela Universidade Católica de Pelotas. Professora na Universidade Anhembi Morumbi de São Paulo e Universidade Municipal de São Caetano do Sul. São Paulo elianebasso@terra.com.br .

completa salvação: verdade, sabedoria, bem-viver, liberdade, criatividade...". (MORIN, 1999, p.75).

Cultura tem significado abrangente com várias acepções. Conforme Morin pode-se atribuir para a palavra os sentidos: antropológico – que de um lado se opõe à natureza e engloba, portanto, tudo o que não depende do conhecimento inato e, por outro lado, tudo o que é dotado de sentido; o etnográfico – que reagrupa crenças, ritos, normas, valores, modelos de comportamento que se perpetuam de geração em geração; e o das humanidades clássicas e no gosto literário-artístico. (MORIN, 1999, p. 75-76).

Desta relação entre *lato* e *stricto* do termo cultura que parte a compreensão de ser o Jornalismo Cultural, também, entendido ao mesmo tempo conforme Rivera (2003, p. 09), como um campo envoltório e excludente em que estão inseridos os sentidos de cultura antropológica e cultura das humanidades clássicas.

Do ponto de vista antropológico, o crítico literário e ensaísta Alfredo Bosi (2003, p. 319), explica cultura como "conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social". O sentido restrito centra a concepção de cultura ao entendimento da erudição, normalmente associada às pessoas preparadas que possuem conhecimentos.

Tem-se convencionado como Jornalismo Cultural uma especialização que nasce das necessidades da imprensa em atender a um público segmentado e de tratar de temas com maior profundidade, assim como acontecem nas demais seções do jornalismo como política, economia, esportes e outras. Mas seu recorte temático vai muito além, ou pode ir, da divulgação dos produtos da chamada sete artes, como muitos costumam tratar, ou então da veiculação do entretenimento. Se por Jornalismo Cultural fosse entendida apenas a veiculação do gosto literário-artístico, deveria, então, ser chamado de Jornalismo de Artes.

É no livro *El periodismo cultural* de Jorge Rivera que vamos encontrar uma definição mais abrangente e coerente para a área. Para o autor tem-se definido como Jornalismo Cultural:

> [...] uma zona muito complexa e heterogênea de meios, gêneros e produtos que abordam com propósitos criativos, críticos, reprodutivos ou divulgatórios os terrenos das 'belas artes', as 'belas letras', as correntes do pensamento, as ciências sociais e humanas, a chamada cultura popular e muitos outros aspectos que têm a ver com a

> produção, circulação e consumo de bens simbólicos, sem importar sua origem ou destinação (RIVERA, 2003, p. 19, tradução nossa)[3].

A definição neste caso, não restringe o campo, pelo contrário amplia. O que acontece é que algumas vezes as temáticas podem transpassar as editoriais tradicionais, podendo ser lidas numa dupla interpretação. O que se percebe de maneira geral, é que enquanto as demais editorias focalizam os aspectos informativo e descritivo sobre um determinado assunto, nos cadernos e revistas de cultura a temática recebe uma roupagem analítica, interpretativa, crítica, e, é claro, autoral, centrada na reflexão filosófica, abarcando temas diversos.

Para falar sobre essa dupla postura tomam-se como exemplos alguns dos artigos, crônicas e reportagens da *Senhor*, um dos referencias de publicação cultural produzida no Brasil na década de 50. Nela, o dicionarista e filólogo Antonio Hoauiss publicou o artigo "Nacionalismo: um verbete do meu dicionário de equívocos" (Sr. abr./1960). No texto, Houaiss revelava a partir da etimologia da palavra "nação" os significados do nacionalismo. Apesar de se tratar de uma análise léxica e contextual do termo, o tema estava em sintonia com o campo da política. Houaiss indicava a precisão vocabular do ponto de vista histórico-social e ao mesmo tempo fazia correlações com o momento brasileiro, reiterando que o nacionalismo se identificava, naquele momento, a partir da base econômica através da política do desenvolvimento nacional.

Luiz Lobo em "A bandeira do Brasil, coitadinha tão feinha" (Sr. mai./1960) fez uma abordagem estética da bandeira nacional, imposta pelo positivismo no Brasil. A reportagem que também poderia ser lida como uma referência à área de política, já que aproveitava o tema da transferência da capital para Brasília, na verdade fazia um mergulho na história apontando os defeitos e as inadequações da bandeira do Brasil, símbolo de Augusto Comte.

É também pelo estilo de abordagem que vamos encontrar em *Senhor* o tema da morte de um dos criminosos mais temidos do Rio de Janeiro, José Miranda Rosa, Mineirinho, que aconteceu no início de 1962. O tema é policial, mas na revista recebe roupagem especial tratado em forma de crônica pelas mãos da escritora Clarice Lispector (Sr. mar./1962). O que interessa aqui não é a simples notícia da chacina, mas

[3] [...] una zona muy compleja y heterogénea de medios, géneros y productos que abordan con propósitos creativos, crítico, reproductivos o divulgatorios los terrenos de las 'bellas arte', las 'bellas letras', las corrientes del pensamiento, las ciencias sociales y humanas, la llamada cultura popular y muchos otros aspectos que tienen que ver con la producción, circulación y consumo de bienes simbólicos, sin importar su origen o destinación estamental (RIVERA, 2003, p. 19).

análise do fato ao mostrar a cidade como um espaço denunciador das diferenças sociais. Apesar de Mineirinho ser sintoma de insatisfação social, é a maneira como foi morto que revela a repulsa e a reflexão da escritora sobre o fato.

> É, suponho que é em mim, como um dos representantes do nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facínora. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram Mineirinho do que os seus crimes [...] Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto me desassossega, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo-primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo-segundo chamo meu irmão. O décimo-terceiro tiro me assassina – porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro. (LISPECTOR, Sr. jun./1962, p. 18).

O escritor e jornalista Antônio Callado numa reportagem sobre os cantos populares, inseriu a temática das Ligas Camponesas do Nordeste que marcaram as lutas e confrontos entre o grande latifúndio e os camponeses pela conquista da terra no final da década de 50. Transitando entre o jornalismo e a literatura, Callado descreveu o cenário dos trovadores camponeses que começavam a descobrir o que classificou de "bossa nova eruditíssima", alertando que além de entretenimento os mesmos tinham a função de educar e refletir a respeito da própria condição.

> A gente sai do Recife e esbarra nas terras de cana. Dos impecáveis gramados ingleses surgem os engenhos brancos, as usinas de açúcar, de cachaça. [...] Agora a paisagem é miserável: choças, uma estrada que fazia gemer o jipe, rocinhas onde às vezes o pé de couve brotava patético entre duas pedras. Mas as caras dos caboclos também são diferentes, viris, alegres. A cara dos primeiros lavradores brasileiros que se libertam da servidão por suas próprias mãos. Tiveram ordem de despejo do dono do Engenho da Galiléia, José Beltrão, porque tinham feito uma sociedade de auxílio mútuo, para poderem pagar ao proprietário o foro devido pela gleba pedregosa, desfosfatada e desidratada por gerações de canaviais. Quando tiveram ordem de despejo do senhor desconfiado, foram ao Recife procurar Francisco Julião. [...] E o movimento Galileu já está criando em Pernambuco uma bossa nova de trovas eruditíssimas. O caboclo, que se liberta por suas próprias mãos, quer, como qualquer revoltoso que se apossa do poder, educar-se. Como não sabe ler, se educa pelo ouvido. Os trovadores populares, os autores dos *abacês*, têm de alimentar essa nova sede de saber matada ao som do violão. (CALLADO, Sr. dez./1959, p. 33).

Para Rivera, o Jornalismo Cultural apela para ele “uma bagagem de informação, um tom, um estilo e um enfoque adequado à matéria tratada e as características do

público elegido" (RIVEIRA, 2003, p. 11- tradução nossa)[4]. Rivera parte de um ponto vista particular de que:

> o melhor jornalismo cultural é aquele que reflete lealmente as problemáticas globais de uma época, satisfaz demandas sociais concretas e interpreta dinamicamente a criatividade potencial do homem na sociedade (tal como se expressa em campos tão variados como das artes, das idéias, das letras, das crenças, das técnicas etc.) (RIVEIRA, 2003, p. 11, tradução nossa)[5].

O recorte temático depende da abrangência do projeto editorial. Nesse sentido estratifica os graus de especialização:

> *A cultura superior* se especializa, de modo geral, em repertórios restritos e unitários de caráter histórico, filosófico, artístico, lingüístico, etc. etc, que não contemplam a divulgação, mas sim a abordagem monográfica de caráter acadêmico, ou bem o seguimento de una investigação especializada, a discussão de nova tese fundamentada no terreno do conhecimento científico ou o exame exaustivo de uma obra de aporte significativo [...]
>
> *A cultura média*, talvez a zona mais expansiva da invenção da imprensa – é a que oferece, em troca, maiores possibilidades de heterogeneidade e misturas. Condicionados pela exemplaridade modelar da cultura superior, mas, neste campo são os responsáveis da intensa massa de adaptações, textos de divulgação, revistas, projetos editoriais, coleções fasciculares e outros artefatos destinados a reconhecer, sintetizar e difundir os patrimônios do conhecimento nas esferas mais variadas, e daí a frondosidade potencial de seus repertórios temáticos, que atravessam, sem sentimento de culpa, as culturas clássicas, as vanguardas, a atualidade, os meios massivos, as literaturas marginais, as ciências políticas, as questões substanciais das ciências "duras", etc. etc.
>
> *A cultura baixa, o brutal,* [...] suas ofertas temáticas são comparativamente mais limitados [...] Crônicas desportivas, literatura macabra, pornografia, casos sensacionalistas, correios do coração e outras espécies desse tipo são os muros que a delimitam e comprimem tematicamente, separando-a da cultura superior e da média cultura. Muitos desses produtos brutais refletem, sem dúvida um estimado grau de refinamento em seu gênero, e são o fruto de criadores de verdadeiro talento (RIVERA, 2003, p. 29-30, tradução nossa)[6].

---

[4] un bagaje de información, um tono, um estilo y um enfoque adecuado a la matéria tratada y a las características del público elegido" (RIVEIRA, 2003, p. 11)

[5] El mejor periodismo cultural es aquel que refleja lealmente las problemáticas globales de una época, satisface demandas sociales concretas e interpreta dinámicamente la creatividad potencial del hombre y la sociedad (tal como se expresa en campos tan variados como las artes, las ideas, las letras, las creencias, las técnicas, etcétera).

[6] **La cultura superior** se especializan, por lo general, en repertorios restringidos y unitarios de carácter histórico, filosófico, artístico, lingüístico, etcétera, que no contemplan la divulgación sino el abordaje monográfico de carácter académico, o bien el seguimiento de una investigación especializada, la discusión de nueva tesis aportada al terreno Del conocimiento científico o el examen exhaustivo de una obra de aporte significativo. [...] **La cultura media** tal vez la zona más expansiva desde la invención de la imprenta – es la que ofrece en cambio mayores posibilidades de heterogeneidad y mezcla. Condicionados por la ejemplaridad modelar de la cultura *superior*, pero este campo son los responsables de la ingente masa de adaptaciones, textos de divulgación, revistas, proyectos editoriales, colecciones fasciculares y otros artefactos destinados a recoger, sintetizar y difundir los patrimonios del conocimiento en las esferas más variadas, y de ahí la frondosidad potencial de sus repertorios temáticos, que atraviesan sin sentimiento de culpa las culturas clásicas, las vanguardias, la actualidad, los medios masivos, las literaturas marginales, las ciencias políticas, las cuestiones substanciales de las ciencias "duras", etcétera. **La cultura baja o brutal,** [...] sus ofertas temáticas son comparativamente más limitados [...] Crónicas deportivas, literatura macabra, pornografía, *fair divers*,

Piza (2003) alerta sobre a temática na qual se debruça o Jornalismo Cultural, dizendo que a tendência da mesma, principalmente a partir dos anos 90, tem sido ampliada para além dos assuntos que não fazem parte das chamadas sete artes, inserindo-se assuntos como a moda, a gastronomia e o *design*. Isso parece ser de fácil compreensão quando se observam as seções culturais dos principais jornais brasileiros. Nelas, moda, comportamento, quadrinhos, coluna social e o repertório da programação televisiva dividem espaços com as informações e análises críticas da produção literária e artística e a reflexão filosófica.

Em relação à segunda premissa de nosso debate: a de tentar compreender o Jornalismo Cultural em seu sentido mais restrito voltado às expressões artísticas, vamos encontrar na entrada dos problemas a chamada cultura erudita em contraponto com a cultura de massa e a própria cultura popular. O calcanhar de Aquiles está em considerar como cultura apenas a estética burguesa, entendida como cultura erudita, pertencente à classe letrada, proporcionada no sistema educacional. Culto no sentido de homem preparado, possuidor de conhecimentos, que se opõe socialmente ao inculto, como alerta o teórico Edgar Morin (1999), por conseqüência o entendimento de cultura como algo difícil e inatingível à massa.

É o que verifica Daniel Piza (2003, p. 45-46) ao transcrever uma pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte. Nela, mais de 2/3 dos entrevistados não considera cultura um filme de Spielberg. Ele (Piza) analisa: "O que acontece, como mostrou a pesquisa mineira, é que a maioria das pessoas associa 'cultura' a algo inatingível, exclusivo dos que lêem muitos livros e acumulam muitas informações, algo sério, complicado, sem a leveza de um filme-passatempo". Isso por si só explica a visão elitista que muitos têm sobre o termo cultura como algo de qualidade superior. Adiantando-se sobre a discussão, Piza esclarece: "É óbvio que um filme de Spielberg é cultura, por lidar com signos e valores, e, só para dar uma idéia, existe já uma vasta literatura psicanalítica com interpretações sobre ET".

Pierre Bourdieu (2004) oferece elementos importantes para o entendimento da produção, circulação e consumo dos bens culturais pela definição do campo simbólico que se apresenta a partir de duas vertentes: o da produção erudita e o da produção da

correos del corazón y otras especies de este tipo son los muros que la delimitan y constriñen temáticamente, separándola de la cultura *superior* y de la cultura *media*. Muchos de esos productos *brutales* reflejan, sin embargo un estimable grado de refinamiento en sú género, y son el fruto de creadores de verdadero talento. (RIVERA, 2003, p. 29-30).

indústria cultural. O que distingue e diferencia os campos é a quem se destinam os bens culturais produzidos.

De acordo com a visão de Bourdieu, o campo da produção erudita, formado por produtores-consumidores de obras de arte, destina-se a seus pares, enquanto o campo da indústria cultural destina-se à população em geral e se fundamenta nos imperativos da concorrência pela conquista do mercado. Dessa forma, a estrutura do produto decorre das condições econômicas e sociais de sua produção.

> Ao contrário do sistema da indústria cultural que obedece á lei da concorrência para conquista do maior mercado possível, o campo da produção erudita tende a produzir ele mesmo suas normas de produção e os critérios de avaliação de seus produtos, e obedece à lei fundamental da concorrência pelo reconhecimento propriamente cultural concedido pelo grupo de pares que são ao mesmo tempo, clientes privilegiados e concorrentes (BORDIEU, 2004, p. 105).

Morin (1963, p. 73), em artigo publicado pela revista *Senhor*, também oferece elementos de análise ao considerar que a vulgarização na cultura está no fato da simplificação da reprodução da obra de arte com a eliminação de elementos que poderiam ser dificilmente inteligíveis à massa. Ferreira Gullar, também em artigo pela revista *Senhor*, colocou-se criticamente diante deste ponto de vista exclamando ser essa uma tese aristocrática:

> [...] Ora, se os críticos defendem que abandonar essa linguagem, com seus requintes, é baixar a qualidade da obra e trair a cultura, o único caminho que deixam ao artista é continuar a escrever para a minoria. Noutras palavras, só existe arte para uns poucos e raros. É claro que não concordamos com isso, e aí estão várias obras, aceitas pelo público, que negam essa tese aristocrática (GULLAR, Sr. jun./jul./1963, p.19).

Historicamente, o Jornalismo Cultural se desenvolveu a partir da idéia da produção voltada para a cultura erudita tendendo a mostrar a cultura como algo 'superior', sofisticado e formal, operando a "estética burguesa", com repertórios restritos, destinados a uma minoria de conhecedores, logrando certo prestígio dentro deste público. No entanto, essa visão tem-se ajustado ao longo do tempo a um espectro mais variado em que a cultura passa a ter uma visão mais integradora. Dessa maneira, tende a superar o prisma da dicotomia entre os campos da produção simbólica; de elite e de massa ou, ainda, erudita e popular.

E, é mais uma vez na revista *Senhor* que vamos encontrar a divulgação de uma vasta produção voltada não só a cultura erudita, mas também a cultura popular. *Senhor* apresentou as genuínas manifestações da arte popular brasileira inclinando-se para as diversidades existentes, procurando evidenciar o universo da cultura das classes

populares, tratando-as com a mesma seriedade e densidade com que falou de temas da cultura erudita, tentando levar a desmistificação de que cultura é só aquela produzida pela elite. A revista publicou literatura de cordel, os polifonistas mineiros e até hábitos culturais como o jogo dos três pauzinhos.

Entramos agora na terceira parte deste debate: a de ser o Jornalismo Cultural um espaço público de manifestação da produção intelectual em que muitas vezes não chega a ser compreendido como jornalismo. Wilsa Carla Freire da Silva (1997) ao analisar os cadernos de cultura dos jornais de São Paulo e Rio de Janeiro, em dissertação de mestrado intitulada "Cultura em pauta: um estudo sobre o jornalismo cultural", atribui um duplo papel para o jornalismo de cultura. De um lado, os cadernos diários que se traduzem pela aproximação com a informação de atualidade e a prestação de serviços, servindo como vitrines do mercado cultural; de outro, os cadernos semanais que apresentam uma postura mais autoral do que informativa, apostando na aproximação da cultura acadêmica. Nessa zona intermediária entre a produção noticiosa e analítica, os espaços se complementam com a função informativa e a opinião crítica.

Para o pesquisador José Salvador Faro, é neste espaço da crítica cultural com aproximação da cultura acadêmica que se acentua o caráter:

> [...] analítico e autoral [...] situado fora do âmbito da factualidade do jornalismo convencional presente em outras editorias [...] tendo como foco principal a construção de um sentido organizador da crítica conceitual que se desdobra, invariavelmente, numa estrutura analítica que a coloca como veiculadora de percepções que extrapolam o objeto sobre o qual se debruça. É essa força de estruturação que justifica a presença, no âmbito dessa produção especializada, de uma interface com o universo acadêmico (FARO, 2003, p. 1-3).

Evidente que a produção textual dos intelectuais extrapola o caráter noticioso, uma vez que costuma organizar o texto de forma ensaística, portanto mais opinativa do que descritiva e informativa. Para Pierre Bourdieu a participação dos intelectuais está situada "em um campo incerto entre o campo jornalístico e os campos especializados (literário ou filosófico etc.)", classificando os mesmos de “intelectuais-jornalistas”. Por sua vez esses "intelectuais-jornalistas" (sic); acabam por exercer dois efeitos principais:

> [...] de um lado, fazer adotar formas novas de produção cultural, situadas em um meio-termo mal definido entre o esoterismo universitário e o exoterismo jornalístico; de outro, impor, em especial através de seus julgamentos críticos, princípios de avaliação das produções culturais que, conferindo a ratificação de uma aparência de autoridade intelectual às sanções do mercado e reforçando a inclinação espontânea de certas categorias de consumidores à ‘alodoxia’, tendem a reforçar o efeito de índice de audiência ou lista de *best-sellers* sobre

> a recepção dos produtos culturais e também, indiretamente e a prazo, sobre a produção, orientando as escolhas (as dos editores, por exemplo) para produtos menos requintados e mais vendáveis (BOURDIEU, 1997, p. 111).

A produção textual destes profissionais acaba também sendo situada num meio termo entre o acadêmico e o jornalístico. A balança, no entanto, tende a pender, muitas vezes, para a erudição dos parâmetros acadêmicos esquecendo-se do público leitor. Marques de Melo, ao analisar os gêneros e formatos opinativos da imprensa brasileira, caracteriza duas formas de participação através do artigo: o artigo jornalístico destinado "a analisar uma questão da atualidade, sugerindo ao público uma determinada maneira de vê-la ou de julgá-la"; e o artigo científico destinado pelo mesmo autor a "tornar público o avanço da ciência, repartindo com os leitores novos conhecimentos, novos conceitos" (MARQUES DE MELO, 1994, p. 118).

Na *Senhor* há grandes intelectuais e escritores que também habitavam as redações da época e por conseqüência é natural que esses textos estejam também num meio termo entre a produção jornalística e literária ou filosófica. Na revista encontram-se textos de Rubem Braga, Antônio Callado, Fernando Sabino, José Guilherme Merquior, Otto Maria Carpeaux, Paulo Francis entre tantos outros que se fixaram tanto pela produção e criação cultural quanto pelo campo do Jornalismo.

Otto Maria Carpeaux, por exemplo, em “Whodunit: os prazeres do crime” (Sr. mar./1959), apresentava um ensaio que indicava a fórmula da estrutura dos romances policiais. No ensaio, pode-se perceber; de um lado a própria criação cultural, de outro um texto de certa forma, com adequações de acordo com as normas, amoldadas às técnicas do fazer jornalístico.

A tradição de intelectuais e escritores presentes, principalmente, em anos passados nas redações da imprensa brasileira evidencia nomes que consagraram em ambos os campos e por isso a aproximação de um texto com características mais evidentes do fazer jornalístico. Daí muito do saudosismo do antigo jornalismo cultural praticado na imprensa brasileira. Essa tradição começou a mudar na década de 50 com profissionalização jornalística e a substituição gradual do estilo europeu, bem mais opinativo, pelas técnicas norte-americanas priorizando um estilo objetivo e formal.

Ainda sobre o Jornalismo Cultural, Arthur Nestrovski, assinala a contradição na raiz do termo, situando o mesmo entre o efêmero e o intemporal, nas palavras do autor – "imediato" e "permanente".

> A palavra 'jornalismo' vem do latim *diurnalis*, que significa 'do dia', menos no sentido de diurno do que de diário, cotidiano. 'Cultural' é o um termo figurado, por analogia ao cultivo da terra. Jornalismo é do dia-a-dia; cultural, de longa duração. O jornalismo reage rapidamente aos acidentes; a cultura define a identidade de um grupo, ou de uma sociedade, e só se transforma aos poucos. O jornalismo cultural existe nessa tensão entre o continente e o permanente, com a balança quase nunca no meio (NESTROVSKI, 2000, p. 10).

Para melhor compreensão do campo entendemos que o Jornalismo Cultural transborda a análise e a divulgação dos produtos da chamada cultura ilustrada (literatura, pintura, escultura, teatro, música, arquitetura, cinema) e abrange a cultura popular, o comportamento social – que revelam os hábitos sociais do cotidiano através das formas de ser e se portar e as ciências sociais, ajustadas em certa medida ao campo da produção jornalística. Assim, o Jornalismo Cultural, em sua dupla postura, realiza a *difusão* e a *análise crítica* das culturas - formatando um fórum público de manifestação do pensamento. O primeiro setor acaba por limitar-se à divulgação da produção da indústria cultural, enquanto que o segundo caracteriza-se como "capaz de realizar uma real influência na configuração das idéias e gosto público de uma época" (RIVERA, 2003, p. 21), uma vez que se traduz pela crítica com elementos contraditórios dos produtos que o leitor recebe.

A definição do campo foi utilizada em pesquisa sobre a revista *Senhor*, no período que circulou no Rio de Janeiro de março de 1959 a janeiro de 1964 (BASSO, 2005). Com forte influência do traço artístico e com uma pauta voltada às pessoas intelectualizadas ou chamadas multiplicadoras de opinião, a revista se consagrou como uma das mais importantes publicações consideradas "cultas" do mercado brasileiro. *Senhor* foi uma revista mensal, editada no Rio de Janeiro e distribuída nos grandes centros do país. Foi uma publicação lançada pela Editora Delta - pertencente a Abrahão Koogan, editor da Enciclopédia Delta-Larousse, Pedro Lorsch e aos irmãos Sérgio e Simão Waissman - que teve como diretores de criação o jornalista Nahum Sirotsky e o artista plástico Carlos Scliar, apoiados pelos jornalistas Paulo Francis, Luiz Lobo, o pintor Glauco Rodrigues e o cartunista Jaguar.

Para análise do conteúdo da revista os temas foram assim definidos:

Sete artes: material sobre pintura, escultura, arquitetura, literatura, cinema, música e teatro.

Cultura Popular: material relacionado às expressões que fazem parte do modo de vida do povo, agrupadas em quatro formas de apresentação conforme classificação

definida por Joseph M. Luyten, um dos maiores especialistas brasileiros em cultura popular.

> 1) Apresentação oral: anedotas, provérbios, contos, canções de carnaval, cantorias. 2) Apresentação escrita: literatura de cordel, pasquins, dísticos de caminhão, latrinália e outros. 3) Apresentação gestual: mamulengo, bumba-meu-boi, malhação de Judas etc. (inclui-se vaquejadas e rodeios que mostram a habilidade dos peões e vaqueiros na lida com cavalos e gado). 4) Apresentação plástica: ex-votos, cerâmica, carrancas e santos, artesanato em geral. (LUYTEN, 1988, p. 09).

Textos literários: poesias, poemas, novelas, crônicas literárias e contos. Embora pertençam ao gênero da literatura, esses textos costumam estar presente nas publicações culturais, portanto, pertencem à editoria de cultura.

Ciências sociais e humanas: textos que buscam estabelecer um diálogo com as correntes do pensamento em abordagens analíticas, apontadas dentro da investigação especializada do conhecimento científico ou de matrizes epistemológicas.

*Hábitos sociais do cotidiano***:** Matérias relacionadas ao significado cultural descritivo sobre a qual decorre a construção da identidade pessoal e social, através das representações das práticas cotidianas, adequadas às regras e maneiras de se comportar socialmente. Nesse grupo incluem-se também as matérias como moda e gastronomia.

Referências bibliográficas

BASSO, Eliane F. C. **Revista Senhor: Modernidade e Cultura na imprensa brasileira.** Tese de Doutoramento em Comunicação Social: UMESP, 2005.
BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização.** 4. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** (Tradução de Maria Lúcia Machado) Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1997. (p.103 – 120).
BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. (Organização de Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 2004.
BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença:** contribuição para uma economia dos bens simbólicos. (Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira). 2ª. ed. São Paulo: Zouk, 2004.
CALLADO, Antônio. *Julião da Galiléia – Quem é o homem das "Ligas camponesas"*. Sr. dez. /1959, p. 33-35.
CARPEAUX, Otto Maria. *Whodunit – Os prazeres do crime.* Sr. mar. /1959, p. 33-35.
FARO, J. S. Jornalismo Cultural: espaço público da produção intelectual. **Projeto de pesquisa** da Universidade Metodista de São Paulo, 2003.
GULLAR, Ferreira. *Cultura Popular.* **Revista Senhor.** Janeiro de 1964, p. 20- 23.
HOUAISS, Antônio. *Nacionalismo – um verbete do "meu dicionário de equívocos"*. Sr. abr./1960, p. 26-33.
LISPECTOR, Clarice. *Mineirinho – grama de radium.* Sr. mai./1962, p. 16-19.
LOBO, Luiz. *A bandeira do Brasil, coitadinha, tão feinha – um estudo levemente mundancista.* Sr. mai./1960, p. 31-33.
LUYTEN, Joseph M. **Sistemas de comunicação popular.** São Paulo: Ed. Ática, 1988.
MARQUES DE MELLO, José. **A opinião no Jornalismo Brasileiro.** 2ª. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 1994
MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX –** necrose. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

MORIN, Edgar. *A grande diluição cultural*. **Revista Senhor.** Março de 1963, p.73-76.
NESTROVSKI, Arthur. **Notas musicais**: do Barroco ao Jazz. São Paulo: Publifolha, 2000.
PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural.** São Paulo: Contexto, 2003.
RIVERA, Jorge B. **El periodismo cultural.** 3. ed. Buenos Aires: Paidós, 2003.
SILVA, Wilsa Carla Freire da. **Cultura em pauta:** um estudo sobre o jornalismo cultural. São Paulo: (Dissertação de Mestrado em Comunicação) - Universidade de São Paulo, 1997.